

A CRISE EM DECORRÊNCIA DA PANDEMIA DA COVID-19 À LUZ DA FILOSOFIA

THE CRISIS DUE TO THE COVID-19 PANDEMIC IN THE LIGHT OF PHILOSOPHY

Ailton de Souza Gonçalves¹
José Ivan Lopes²
Glauciene Mendes dos Santos³

134

Resumo: O presente artigo visa analisar a crise causada pela pandemia da COVID-19 e, para tanto utiliza-se de argumentos filosóficos e, mais especificamente, do pensamento de Nietzsche, considerado um dos filósofos da suspeita, pois apresenta o ser humano em sua vertente realista, que não ignora ou suprime o negativo ou sombrio da existência humana. O ponto de partida é uma breve análise das diversas manifestações da crise na vida das pessoas e da sociedade. Posteriormente, lança-se luz a essa realidade por meio das principais obras de Nietzsche, a saber Assim falou Zaratustra, por meio da qual o autor apresenta a humanidade em decadência e a necessidade de se reacender o espírito visionário, próprio do ser humano, diante de tal situação e Ecce Homo, onde ele aborda a questão da sina e da fatalidade que marcam a humanidade.

Palavras-chave: Crise. Pandemia. Nietzsche. Filosofia.

Abstract: This article aims to analyze the crisis caused by the pandemic of COVID-19 and, for that, it uses philosophical arguments and, more specifically, the thought of Nietzsche, considered one of the philosophers of suspicion, as it presents the human being in its realistic aspect, which does not ignore or suppress the negative or dark of human existence. The starting point is a brief analysis of the various manifestations of the crisis in the lives of people and society. Subsequently, this reality is shed light through the main works of Nietzsche, namely Zaratustra spoke, through which the author presents mankind in decay and the need to rekindle

¹ Doutor em Ciências da Religião (PUC PUC-Goiás). Licenciado em Filosofia (ICSH/CESB). Coordenador do NIP, NOP e Professor nas faculdades FINOM e Tecsoma. Professor efetivo de Filosofia na SEE-MG. E-mail: ailtongoncalves@finom.edu.br

² Mestre em Ciência da Religião (PUC Minas). Especialista em Pedagogia Empresarial (FINOM). Licenciado em Filosofia (PUC Minas). Diretor Acadêmico da FINOM e ocupante da cadeira de número 13 da Academia de Letras do Noroeste de Minas. E-mail: peivan3@hotmail.com

³ Mestra em Administração (FPL-2019). Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior (FINOM-2016). Pós-Graduada em Orientação Escolar (FINOM-2016). Pós-Graduada em Inspeção Escolar (FINOM-2016). Pós-graduada em Supervisão Escolar (FINOM-2016). Pós-graduada em Direitos Sociais (FINOM-2013). Bacharela em Direito (FACTU-(2011). Inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil - OAB/MG-150.674. E-mail: glauciene_mendes@hotmail.com

Recebido em 20/06/2020

Aprovado em 05/07/2020

the visionary spirit, typical of human beings, before of such a situation and Ecce Homo, where he addresses the issue of fate and fatality that mark humanity.

Keywords: Crisis. Pandemic. Nietzsche. Philosophy

Introdução

O limiar do ano 2020 se deu mediante uma crise mundial que se estabeleceu a partir do surgimento e da proliferação de um vírus (Coronavírus) causador da doença denominada COVID-19 e que já contagiou milhares de pessoas ao redor do mundo, levando muitas delas à morte. Embora não represente algo novo, pois os primeiros vírus dessa família que contagiaram humanos tiveram sua identificação ainda na década de 1930 e, na década de 1960, foram denominados de “coronavírus” devido ao seu formato que lembra uma coroa.

Os primeiros contágios foram diagnosticados em 31 de dezembro de 2019, na China, mais especificamente na região de Wuhan, onde ocorreram os maiores focos do vírus. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em pouco mais de dois meses, mais de 210 mil casos foram relatados e mais 9 mil pessoas morreram em decorrência do contágio pela COVID-19. Em aproximadamente três meses, o mundo inteiro já sofria, direta ou indiretamente, com os efeitos do Coronavírus.

Tais efeitos ocorrem sob diversos aspectos e ameaçam a humanidade desde o ponto de vista pessoal, passando pela questão familiar, até o caráter financeiro e social. Assim, pode-se perceber a ação do vírus na vida das pessoas sob vários pontos de vista.

Este artigo tem como objetivo analisar essa crise gerada pelos efeitos da pandemia a partir de um ponto de vista filosófico e, para tanto, se levou em consideração o ponto de vista de alguns pensadores os quais, ao longo da história da filosofia, estabeleceram alguma análise acerca do conceito de crise.

Dentre os pensadores que lançam luz e auxiliam na compreensão da crise atual, vale destaque para o pensador alemão, Friedrich Nietzsche, pelo fato de sua tratativa sobre o destino da humanidade. Nesse sentido, foi possível iluminar os efeitos do fenômeno decorrente do contágio do Coronavírus com a teoria do referido pensador.

A metodologia utilizada para a elaboração do presente artigo foi a pesquisa bibliográfica em vista de comprovar a hipótese de que a pandemia decorrente da COVID-19 provoca diversas possibilidades de crise. Por outro lado, a filosofia, como instrumento de diálogo com a realidade existencial lança sua luz sobre as mais diversas questões inerentes à vida da humanidade. Por

consequente, as obras de Nietzsche foram tomadas como referência, pois permitem apontar a chave de leitura para a questão em pauta de forma articulada e consistente.

Contextualização

Ao lecionar filosofia na atualidade, o professor ou a professora, precisa a todo momento evidenciar a plausibilidade e a importância da reflexão racional. Até por que o pensamento crítico sempre incomodou e incomoda aqueles que desejam manter um *status quo* de uma sociedade marcada pela desigualdade e exploração.

Uma ação que exemplifica essa desconfiança para a reflexão filosófica é a postura do antigo ministro da educação, o senhor Abraham Weintraub com todo seu arcabouço de saber, que despreza ou desqualifica as ciências humanas, um conhecimento tão necessário para tempos atuais de crise e instabilidade que marcam a existência humana.

Um dado que não pode ser desconsiderado é a interrupção abrupta sentida pela sociedade hodierna, em decorrência da pandemia da COVID-19. Uma sociedade que vivia de maneira intensa, em um ambiente agitado cheio de afazeres, planejamentos e metas, que de uma hora para outra, teve que se adaptar em uma rotina diferente.

Nesse contexto, muitas pessoas foram obrigadas a aderir às orientações referentes ao distanciamento social e, por isso, suspenderam suas atividades cotidianas. Com isso, passaram a permanecer mais tempo em casa. Tantos que estavam imersos em uma rotina trabalho, em um mundo de produção acelerada, passaram, muito rapidamente, a viver uma rotina diferente. Essa interrupção brusca gera instabilidade e produz sentimento de angústia diante do novo cenário apresentado.

Dessa forma, pessoas que viviam numa correria só, sempre vitradas em seus smartphones, *tablets* ou notebooks, sem tempo para estarem em casa e estabelecerem vínculos afetivos. Por causa do vírus, são obrigados a ficar em casa, como meio de impedir a disseminação da doença, como também um modo de se proteger da contaminação. Porém, são inseridas à força nessa nova realidade.

Diante dessa drástica mudança social, uma das contribuições que a filosofia oferece a todo ser humano neste novo momento é a possibilidade de pensar na crise. Mas não uma pensar aleatório e sim um pensar existencial que proporcione superação e ressignificação para a existência humana. Essa é uma das ações que marca a reflexão filosófica ao longo da história.

Nesse momento de instabilidade, um pensador que contribui para a compreensão da nova realidade social é Friedrich Nietzsche, que desenvolve um pensamento filosófico peculiar, pois a sua análise crítica é feita com o auxílio de um martelo, isso mesmo, o pensamento desse autor busca destruir verdades estabelecidas. A filosofia do martelo de Nietzsche leva seu leitor a questionar princípios e ideais, que ofereciam sentido no passado, porém diante da crise, não oferecem mais. Desse modo, ele ajuda na destruição de convicções estabelecidas que só produzem angústia e aponta para possibilidade de estabelecer novos alicerces para a existência contemporânea.

A contribuição filosófica do pensamento de Nietzsche

Juntamente com Freud e Karl Marx, Nietzsche é considerado um dos filósofos da suspeita, pois apresenta o ser humano em sua vertente realista, que não ignora ou suprime o negativo ou sombrio da existência humana. Ele vê a vida “como irracionalidade cruel e cega, destruição e dor. E, ao pensar que apenas a arte possa oferecer ao indivíduo força e capacidade para enfrentar a dor da vida, fazendo-o dizer sim à vida” (REALE; ANTISERI, 2006, p. 03). Esse modo do autor ver a vida como arte e cultura, pode ser compreendido quando pensamos na utilização da tecnologia da informação em larga escala e, por exemplo, no grande volume de *lives*, realizadas por diversos artistas e pensadores logo no início da pandemia, pois mesmo diante da incerteza e da morte, muitos tiveram o alento nestes eventos, um exemplo para destacar a importância do pensamento dele.

Na sequência apresentaremos alguns elementos da biografia de Nietzsche em vista da compreensão dos seus dizeres que iluminam a atualidade. A vida de Nietzsche se traduz em seu sistema filosófico. Não obstante seja filho de pastor e ter, em princípio estudado para seguir a carreira do pai, os estudos da Filologia promove profunda transformação nos rumos da sua vida e despertam interesse para a leitura dos filósofos da Grécia Clássica e de outros pensadores da filosofia (DROIT, 2004, p. 241). A nova vertente de estudos, leva-o a tornar-se um crítico inveterado do modelo moral em vigor. É nesse contexto que o pensador define o ser humano como mesquinho, fraco, covarde e incapaz. A vida coletiva não é o caminho para a superação da crise humana identificada por Nietzsche. Por outro lado, para ele, a vida não tem sentido na perspectiva da proposta medíocre que se apresenta, uma vez que o mundo não é para os fracos.

Nietzsche identifica como fracos os que não possuem virilidade, coragem e força de vontade, ou seja, não têm a *virtu*. Por outro lado, um exemplo de possuidores da *virtu* são os guerreiros espartanos, que na batalha eram capazes de oferecer um brinde à morte. O resgate do sentido da vida se dará pela arte, cujo papel essencial seria promover o resgate da cultura europeia (RUSSELL, 2001, p. 373). Por meio da obra “O Nascimento da tragédia no espírito da música”, Nietzsche destaca os conceitos de equilíbrio de instinto criador, inspirados em Apolíneo e Dionísio, respectivamente.

Em “Assim falou Zaratustra” (2011), Nietzsche apresenta a humanidade em decadência e a necessidade de se reacender o espírito visionário, próprio do ser humano, diante de tal situação:

Em verdade, meus amigos, ando entre os homens como entre fragmentos e membros de homens! Isto é para meu olho o mais terrível, encontrar o homem destroçado e disperso como sobre um campo de batalha e um matadouro. E que meu olho fuja de agora para outrora: o que ele encontra é sempre igual: fragmentos e membros e horríveis acasos - mas não homens! O agora e o outrora sobre a terra - ai! meus amigos - esse é o meu mais insuportável; e eu não sabia viver se não fosse ainda um visionário daquilo que há de vir.

Na referida obra, Nietzsche destaca aspectos que estão além do homem, ou seja, aquilo que se posiciona entre o humano e sua meta, para além de bem e mal. Volta-se ao que diz respeito à crise da razão e propõe a morte de Deus como sua grande metáfora, uma vez que a imagem de Deus é utilizada para legitimar a violência e a barbárie.

Para ele, a morte de Deus revela o fim da razão elucidada. O louco procura a razão, mas não é capaz de encontrar nada, a não ser o dogmatismo. A razão perde a capacidade de desvelar o mundo, as coisas e a si mesma, ao passo que foi transformada em um instrumento para construir dogmas e promover a profissão de fé, fazendo-se ver no fundamentalismo em seu formato mais pleno.

Na obra, “Além de bem e mal”, Nietzsche esclarece que o ser humano deve ir além do que ele denomina de valores decadentes e não deve se alinhar à moral gregária, ao modo do rebanho, mas que deve posicionar-se acima daquilo que enfraquece e promove a chamada domesticação (GALLO, 2017, p. 134).

Nesse sentido, Nietzsche evidencia o papel do filósofo que é destacado como médico, que deve promover a chamada genealogia dos valores morais, visando destruir os códigos que se inspiram na tradição judaica e cristã, que são fundamentados no ressentimento, consequentemente aprisionam a existência ativa e livre dos seres humanos.

Porém, é com *Ecce Homo* que Nietzsche aborda a questão a qual mais interessa na presente pesquisa, a saber, “o destino da humanidade”. A relevância da abordagem está exatamente pelo fato de o filósofo lembrar que o ser humano carrega seu destino sobre os ombros, ou seja, ele é responsável por suas escolhas e por suas decisões. Para ele, o indivíduo é um destino da filosofia e da própria humanidade.

Após, esse apanhado geral de pontos importantes do pensamento de Nietzsche, destaque-se a sua relevância para a crise atual, visto que chama a atenção para a questão do destino da humanidade e para a reflexão acerca do sentido da sua existência, como foi dito anteriormente, a ideia de que contemporaneamente esse filósofo lança luz sobre diversos aspectos da vida humana, tanto do ponto de vista pessoal e psíquico, quanto social, econômico e político. Dessa maneira, a crise que se abate sobre o mundo tem inúmeras fisionomias e chama a atenção da humanidade acerca do seu destino, interrogando a humanidade sobre o sentido do seu presente e do seu futuro.

Indaga-se, contudo, o sentido da afirmação de Nietzsche com relação ao destino. Estaria ele utilizando-se do recurso milenar da ironia ou ele se na referida afirmação um instrumento retórico que possibilitava que esse filósofo fosse ouvido por seus interlocutores? Certo é que o filósofo alemão chama a atenção para uma questão que se apresenta atualmente como um alerta e uma chamada de atenção para questões essenciais da vida humana.

Nesse sentido, Nietzsche (2008) aborda o que é considerada sua missão, a saber, promover a purificação da humanidade. Tal purificação passaria pelo rompimento com os valores da moral cristã, que destaca e promove valores de escravos. Por isso, ele mesmo afirma que o raio da verdade fulminou precisamente o que até então era do mais alto valor: quem compreende *o que* foi destruído, que veja se ainda lhe resta algo nas mãos.

Ao tratar do conceito de destino na obra *Ecce Homo*, Nietzsche fala ainda de sina e fatalidade que marcam a humanidade. Vale lembrar que ele utiliza o termo para expressar o fim trágico do herói, para falar do destino cultural da Alemanha e, por fim, no sentido de manifestar um fato sem previsibilidade ou possibilidade de alteração, ao qual se submetem as nações, as instituições, assim como as religiões e a própria filosofia. Aqui deve-se pensar o mundo antes e pós pandemia, pois aquele mundo que conhecíamos, já não existe mais. Esse que se descortina à nossa frente, traz em seu germe a incerteza, e ao mesmo tempo, é iluminado pelas inovações tecnológicas.

Desta forma, vê-se que o destino envolve a todos e o filósofo também tem o seu destino, Nietzsche (2008) afirma que “o destino do filósofo é pensar”, não obstante, o pensador

reconhece que a identidade do filósofo assume contornos imprevisíveis e inalteráveis, pois trata-se de algo que não é identificado. Por outro lado, o papel do filósofo passa pela definição do indefinível e pela determinação consciente acerca de dúvidas e conceitos. Diante do cenário atual, em meio às dúvidas e imersos em muitos conceitos ora reformulados frente a novas relações e novos desafios, cabe ao filósofo buscar respostas e pensar diversas possibilidades de pensar o próprio destino o destino da humanidade.

Ora, se o destino é o querer, então o querer é determinante para os rumos do filósofo e da humanidade. Dessa forma, Nietzsche (2011) afirma que o destino é uma vivência, ou seja, é algo vivenciado, mas que, por sua vez foge à possibilidade de conceituação. Aceitar o que é involuntário é não opor à vontade ao que ele define como destino, ou seja, é aceitar o que se apresenta à sua frente.

O super-homem pode contestar seu próprio destino, pois, para Nietzsche (1998), esse personagem é forte o suficiente para manter a promessa feita, mesmo diante das adversidades que se apresentarem, até mesmo contra o destino. O soberano tem o poder de realizar sempre seu desejo e, desta forma o ser humano passa a exercer o papel do seu próprio destino, pois, assim como destino, surge como o raio, de maneira demasiado terrível, repentina, persuasiva, demasiado 'outra', para serem sequer odiados. Aquele que assume seu destino deve dar sua razão a ele.

Nessa abordagem, Nietzsche (2008) passa a apresentar o destino como a tarefa que se assume voluntariamente e que deve ser como um nó a ser atado ao grande destino da humanidade. Aquilo que cabe ao homem, ele também deve querer, pois o destino é visto como algo que é dado à humanidade e que ela, livremente, assume para si.

Nota-se que a crise provocada pela pandemia do Coronavírus poderá redimensionar o rumo da vida da humanidade, vale ainda lembrar que, para Nietzsche, o destino parte dele enquanto indivíduo e tem sua culminância no fato de entender que seu destino que transvaloriza todos os valores.

Nesse sentido, Nietzsche (2008) antecipava a certeza de que uma crise com as dimensões da que a humanidade vive atualmente depõe contra tudo o que até então, foi acreditado, santificado, requerido, pois há que se arriscar a empreender em vista do seu próprio "esclarecimento", ou seja na tomada de consciência da realidade vivencial em vista da superação dos sintomas da crise.

Ainda nesse aspecto, Nietzsche (2011) ressalta o valor do ser humano diante de seus próprios desafios, como um sábio, nos seguintes termos:

Essa é toda a vossa vontade, ó mais sábios dos sábios, como uma vontade de potência; e mesmo quando falais do bem e mal e das estimativas de valores. Quereis criar ainda o mundo diante do qual podereis ajoelhar-vos: assim é vossa última esperança e embriaguez. [...] É vossa vontade são vossos valores que vós assentastes no rio do vir-a-ser; uma antiga vontade de potência é o que denuncia a mim aquilo que é acreditado pelo povo como bem e mal.

Por conseguinte, prevalece a ideia de que no momento de crise não se pode abrir mão da razão, como elemento essencial para a própria crítica, ou seja, na crise deve-se lançar mão das ferramentas da razão para não se perder o dado da crítica, mas deve-se utilizar da razão crítica para ser capaz de olhar além do presente momento e entender que toda crise tem início meio e fim. Ademais, como a humanidade já superou vários outros momentos de crise, vencerá também essa crise causada pela pandemia. Para tanto, Nietzsche (2008) fala da razão “pura”, ou seja, uma razão capaz de se desvencilhar da vida e do cotidiano e ir além do seu próprio tempo apontando caminhos e saídas possíveis.

Tal razão levaria obrigatoriamente ao que Nietzsche (2008) chamaria de pensar de forma esclarecida, ou pensar por si mesmo. O caminho proposto pelo filósofo alemão levaria as pessoas a vencer as possibilidades de alienação que são próprias de um tempo de crise, como a esse que se vive atualmente. É normal que na crise as pessoas estejam mais vulneráveis e se deixem guiar pelos direcionamentos de outrem ou que se fragilizam ainda mais a ponto de aceitar que suas decisões sejam manipuladas ou ainda que as notícias falsas ou manipuladas determinem seu humor. Nesse caso, mais uma vez prevalece a proposta de Nietzsche para não se perder o dado do esclarecimento, mas a razão deve apontar para a necessidade de se pensar por si mesmo, livrando-se da possibilidade de fanatização ou alienação.

Considerações finais

O olhar atento e ativo de Nietzsche para a vida é um posicionamento que ilumina a existência humana, em tempos de crise. Esse olhar pode ser um alento para o cenário brasileiro atual, teve a capacidade de aplicar a crise, pois em uma crise sanitária, as autoridades constituídas, conseguiram criar uma crise política e uma crise econômica concomitantemente.

Essas autoridades constituídas deveriam liderar as pessoas com o mínimo de racionalidade, em medidas que preservem a vida e dignidade humana. Porém, essa realidade

não se concretizou, testemunha-se uma politização polarizada da crise, pois os políticos na esfera federal, continuam no pleito eleitoral e não no trabalho sério de governo.

Na prática social, com a utilização dos meios de comunicação, dentre outras tantas ferramentas, os profissionais da educação e outros profissionais se reinventaram e deram novo sentido ao seu trabalho. Na prática, muitos tiveram a atitude que Nietzsche apresenta como necessária diante da crise. Foram ativos e desbravadores, aprimorando-se em um curto espaço de tempo, para oferecer aos alunos, em todos os níveis, uma educação de qualidade, mesmo que de maneira remota.

Assim, a cultura torna-se um espaço de ampliação da vida, pois não se restringe ao espaço e ao tempo, molda-se nas circunstâncias para preencher de significado e sentido à vida humana por meio da arte de ensinar, a filosofia contribui em tempos de pandemia com à luz da reflexão e racionalidade, que ilumina a existência humana diante da crise, em decorrência da COVID

-19.

Referências

BOLSONARO, Jair. Brasília, 26 de abr. 2019. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1121713997156425729>. Acesso em 03 Junho, 2020.

DROIT, Roger-Pol. **A companhia dos filósofos**. Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

GALLO, Silvio. **Filosofia: Experiência do pensamento**. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 2017.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche hoje: Sobre os desafios da vida contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**, um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**, como se chega a ser o que se é. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**, uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006.



RUSSELL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SOUZA, Mauro Araújo de. **Nietzsche**: Viver intensamente, tornar-se o que se é. São Paulo: Paulus, 2014.